

Os ministérios femininos no metodismo antigo

Women ministries in primitive Methodism

Los ministerios de la mujer en el metodismo antiguo

Duncan Alexander Reily

[Edição original página 48]

No mês de maio, os pensamentos dos metodistas, normalmente, voltam-se para a famosa experiência de Wesley no dia 24 de maio de 1738. certamente é por causa disto que todos os cultos da nossa Faculdade focalizam nesse mês, de uma forma ou outra, temas wesleyanos. Abordaremos um tema, provavelmente pouco explorado, a saber: “Os Ministérios Femininos no Metodismo Antigo”. Para tanto, partimos da premissa que o Metodismo é uma parte integrante do Protestantismo, do qual herdou uma teologia riquíssima no que tange à mulher e a seus ministérios, apesar de uma práxis pobre e pouco condizente com a sua teoria.

1 – O metodismo herdou do protestantismo uma teologia que, apropriadamente aplicada, facilitaria todos os ministérios femininos, mas uma prática que os restringia grandemente.

O Protestantismo, ao contrário de um conceito muito difundido, não pretendeu a restauração, séc. XVI, da Igreja prístina

dos Apóstolos (aliás, um ideal impossível). Ele procurou, como bem diz o seu nome, uma “reforma” da Igreja Ocidental do seu próprio século. Possivelmente, por isso mesmo, não se encontram nas principais Igrejas protestantes o ministério feminino comuns aos primeiros séculos da era cristã. (Pois nos primeiros séculos, é provável que nenhuma dimensão do ministério era fechada a mulher). Até o presente momento, nas minhas pesquisas, só achei uma nova dimensão de ministério feminino entre as Igrejas que surgiram da Reforma, no século XVI, a saber: a esposa do pastor. E, diga-se de passagem, é um ministério de profunda importância e significado.

A esterilidade da Reforma no que tange ao ministério da mulher, porém, não se deve à teologia em que o movimento se alicerçava. Senão, vejamos. *Sola gratia* – Só a graça, que Deus oferece livremente a todo ser pecaminoso, a qual é apropriada por mulheres e homens indistintamente; *sola fide* – a livre graça da salvação é apropriada pela confiança que não faz acepção de sexo – eis uma base firme para uma compreensão da

salvação – *Sola scriptura* – por sua vez é um chamado para redescobrir e reapropriar a revelação de Deus na sua plenitude e abrangência, inclusive a paternidade de Deus e a riqueza dos ministérios da mulher cristã. Por fim, não deve ser esquecido o sacerdócio universal, não só *do crente*, mas também, *da crente*, firme fundamento para a plenitude dos ministérios femininos.

[Edição original página 48/49]

Lutero tinha um princípio de interpretação da Bíblia que pode ser chamado do “Princípio de Evangelicidade”. Ele julgava o peso dos livros, mesmo do Novo Testamento, por esse princípio. Por isso mesmo, muito pouco empregava o apocalipse, e relegava a Epístola de Tiago quase ao esquecimento, considerando-a uma “epístola de palha”. Para Lutero, importava a densidade da evangelicidade de um livro-valia, para ele “so weit sie Christum treiben” (“até o ponto que conduzem Cristo” à congregação). Que pena que Lutero não percebeu a possibilidade de aplicar o seu próprio princípio a Paulo. Pois o apóstolo às vezes escrevia coisas com uma grande densidade evangélica sobre a mulher (“em Cristo, não há nem e nem fêmea”; não hesitou também em reconhecer em Júnias uma verdadeira apóstola – Rm. 16.7) – mas há outros momentos quando a densidade evangélica dele é mínima, como, por exemplo, quando, condicionado pela sua herança rabínica, pelos conceitos sociais de seu tempo e ainda, preocupado com possível escândalo no culto divino, ele até chega a proibir que a mulher fale na igreja.

Infelizmente, Lutero não aplicou seu princípio de evangelicidade nesse caso; por isso, o grande Reformador não foi muito além de um Paulo com um baixo teor de evangelicidade. Lutero, de fato, lutou com o problema, e percebeu algumas de suas contradições, pois ele diz:

Mas no N.T. o Espírito Santo, falando por S. Paulo, ordenou que mulheres se silenciassem nas igrejas e assembléias, e disse que este era mandamento do Senhor (1Co 14.37). No entanto, ele sabia que Joel proclamava que Deus derramaria seu espírito também nas suas servas. Além disso, as quatro filhas de Filipe, profetizavam (At 21). Mas, nas congregações ou Igrejas onde há um ministério, mulheres devem manter silêncio e não pregar (1Tm 2.12). De outra forma, podem orar, cantar, louvar, dizer “amém” e ler em casa, ensinar uma à outra, exortar, confortar, e interpretar a Escritura da melhor maneira possível”. (Luther’s Works, Philadelphia, Fortress, vol. 40, p. 390-391).

[Edição original página 49/50]

Talvez não seja exagero concluir que, para o protestantismo em geral, tem havido maior ou menor abertura para com os ministérios femininos na medida que os princípios luteranos têm sido realmente aplicados. Lutero apenas vislumbrou a riqueza, com referência a esses ministérios. Deveras, nenhum dos maiores Reformadores permitia à mulher os gozos dos variados ministérios que ela exercia nos primeiros séculos. Os únicos que eram um pouco mais flexíveis, nesse ponto, foram os Anabatistas, mas nem eles percebiam o quanto prejudicavam a própria Igreja de Jesus Cristo, por limitar a mulher no seu exercício do ministério.

2 – João Wesley, sempre pragmático, avançou um pouco além de Lutero, cautelosamente permitindo certas mulheres até a pregarem, mas o metodismo wesleyano não aceitou plenamente os ministérios femininos.

Wesley é uma curiosa combinação de inovador e conservador. Ele próprio nutria um profundo respeito pela tradição, não apenas a tradição da Igreja pré-nicena (a qual ele realmente venerava, e da qual derivou modelos para o seu movimento), mas também a tradição anglicana, cuja liturgia ele amava e cuja doutrina ele respeitava profundamente. Mas, no seu tempo, o anglicanismo simplesmente não atendia às mais profundas necessidades do seu povo, especialmente, às novas classes de trabalhadores que surgiam das diversas fases da Revolução Industrial. Novas condições exigiam novas soluções.

Uma das inovações que logo achou lugar no meio metodista, foi a da pregação leiga, ou, mais especificamente, a pregação de *leigos*. A história desta inovação, em parte, é bem conhecida, em outros aspectos, nem tanto. Quase concomitantemente com o surgimento do metodismo, certos jovens se apresentaram a João Wesley como “Filhos no Evangelho” às suas ordens para quaisquer tarefas que ele lhes indicava. Um desses jovens, de nome Tomás Maxfield, por demonstrar uma certa capacidade no falar, foi encorajado pela condessa de Huntington a *pregar* (isto antes de Wesley consentir em tal coisa). Wesley, de fato, deixou o jovem para *exortar* em Londres enquanto, ele fosse a Bristol. Sabendo lá em Bristol, que o seu “Filho no Evangelho” não só exortava como *pregava*, Wes-

ley voltou, incontinentemente, a Londres, para pôr fim a esta ousada inovação. Antes de falar com Maxfield, Wesley foi abordado por sua própria mãe,

[Edição original página 50/51]

Suzana, a qual lhe disse: “Este jovem é tão chamado por Deus para pregar quanto tu mesmo!”. Após tal conselho, Wesley consentiu em ouvir o jovem pregar. Quando Maxfield terminou seu sermão, Wesley declarou: “É de Deus. Seja feita tua vontade”. Assim nascera a pregação de *leigos*. O que convencera Wesley, fora o conselho de sua mãe (que não era um fato insignificante) era que a pregação leiga *funcionava* – gente se arrependia e se convertia mediante ela. Depois, tornou-se-lhe claro que sua *utilidade*, pois, na base da pregação leiga, a expansão do metodismo seria possível. Depois, Wesley achou base bíblica para a pregação leiga – era um ministério extraordinário, para os tempos e condições extraordinários, comparável ao movimento profético do Antigo Testamento. Infelizmente, Wesley não percebeu imediatamente que Deus poderia servir-se também de mulheres para o mesmo tipo de ministério extraordinário.

Aos poucos, porém, surgiram também as pregadoras! Aliás, quase desde o início havia mulheres guias de classe de “band”, professoras, visitadoras, etc. Geralmente, as pregadoras nasciam destas atividades que as metodistas exerciam normalmente. Maria Bosanquet foi uma destas guias de classe. Além disso, ela gastou a sua fortuna na manutenção de um orfanato e de outras caridades. Quase sem o perceber, ela passou a ser pre-

gadora, pois às vezes vinham à sua classe muito mais mulheres do que as doze membros, e ela não tinha outra saída a não ser testemunhar a sua própria fé e pregar a elas. Wesley chegou a consentir a essas pregações na sua classe e, depois do casamento dela com o Rev. John Fletcher, pregação a grandes congregações na própria residência do casal. Uma outra dessas pregadoras foi Sara Crosby (depois casada com o Sr. Williamson). Sara fora cooperadora de Mary Bosanquet, na classe e nas obras de caridade. Depois, Sara veio a ser reconhecida por Wesley, e ela trabalhou em uma grande região ao redor de Leeds. Num só ano, ela chegou a realizar 120 cultos públicos e mais de 600 reuniões diárias durante o ano inteiro. Finalmente, deve ser mencionada Sara Mallet. O pregador Joseph Harper deu a Sara Mallet uma licença para pregar, que trazia o dizer, “por ordem do Sr. Wesley e da conferência” e era datada de 27 de outubro de 1787. Sara recebia convites de muitos pregadores para pregar e fazia questão de sempre aceitar todo o convite, se possível. Chegou a prejudicar a própria saúde nesse trabalho, pelo que Wesley

[Edição original página 51/52]

ley a escreveu, dizendo-lhe a não aceitar todos os convites e a moderar-se nos mesmos, nunca ultrapassando uma hora de culto e ainda que “não gritasse” na pregação. (*John Wesley's Letters*, 1938, VIII, 190).

W. J. Towsend assim resumiu a atitude de Wesley quanto à pregação feminina: “Relutantemente, Wesley foi levado a crer que algumas mulheres tinham um

claro chamado à obra da pregação. ‘Deus reconhece mulheres na conversão de pecadores’, disse ao referir-se ao assunto, ‘e quem sou eu para resistir a Deus’ ”. (A *New History of Methodism*, Nashville, s/d, I, 322). Esta posição um tanto ambígua de Wesley, sem fechar a porta nem abri-la plenamente à pregação feminina, foi em geral seguida pelo Metodismo Wesleyano. “A Conferência de 1803 a pronunciou tanto desnecessária quanto indesejada geralmente, mas passou a formular as condições em que poderia ser permitida”. Mesmo assim a haver um bom número de pregadores. Em 1835, porém, a Conferência fortemente condenou a pregação feminina e “ela quase deixou de existir (no metodismo wesleyano) durante um longo período”. (Towsend, op. Cit., pp. 455, 413).

3 – Outros ramos do metodismo porém, demonstram uma notável abertura aos ministérios da mulher; estes últimos eram, portanto, mais coerentes com os princípios protestantes e wesleyanos do que Lutero e Wesley.

Desde o início, os metodistas primitivos (organizados 1811) entenderam que não deveria haver limitação por causa do sexo no trabalho da igreja; daí, havia não apenas pregadoras locais, como também itinerantes e missionárias. Entre essas obreiras, destacam-se pregadoras como Mary Porteus e Elizabeth Smith. Esse fato fica um pouco escondido ao investigador hodierno, pois as atas oficiais da Conferência dos Metodistas Primitivos, os pregadores e pregadoras são indicados pelo sobrenome e iniciais. O nome M.A. Smith, aparentemente nome de homem, pode muito bem ser na realidade “Mary Anse”

(Maria Ana) Smith. Um pesquisador descobriu, por exemplo, nas atas de 1832, 13 pregadoras nomeadas a paróquias, e ele admite que, em outros anos, poderia haver até um maior número de pregadoras. Towsend diz: "Sem dúvida, o extensivo em prego de mulheres no labor evangelístico foi um dos fatores do seu sucesso (da denominação), bem como

[Edição original página 52/53]

uma das suas mais notáveis características". (op. cit., I, 587).

Entre os Metodistas Cristãos da Bíblia (organizados em 1815), a pregação feminina foi mais importante ainda. Willian O'Bryan, o principal fundador desse ramo metodista, explicitamente apoiou a pregação feminina num sermão sobre o assunto sendo sua própria esposa a primeira pregadora da denominação. Aparentemente, era entendido a princípio que mulheres seriam apenas pregadoras locais, mas os bons resultados do seu trabalho logo conseguiu-lhe o privilégio da itinerância também. Só quatro anos após sua organização formal, a denominação possuía 30 itinerantes, dos quais, 14 mulheres (ou quase metade a metade), em 1832, esse novo ramo do metodismo já contava com 100 pregadoras, entre pregadoras locais e itinerantes. Obreiras como Johanna Brooks Neale, exímia evangelista, Mary Ann Werry, missionária às Ilhas Scilly, Guernsey e Jersey e Mary O'Brian, filha do fundador e conhecida como a "Maiden Preacher" (a pregadora donzela), povoam as páginas da história da denominação. Talvez, o nome mais freqüentemente citado nesse sentido é o de Mary Toms, uma mística que era gui-

ada por sensações íntimas da necessidade do seu ministério em determinados lugares. Sentindo-se chamada assim para a Ilha de Wight, ela declarou que iria, mesmo se tivesse de pisar brasas vivas cada passo do caminho e, enquanto lá, mendigar o pão. (conteúdo do parágrafo de Towsend, I, 509-510).

Terminaremos nossas considerações sobre a mulher nos ramos não-wesleyanos do metodismo antigo com mais um exemplo. Trata-se da "Lady Huntington Connection". Esse agrupamento teve, não pregadoras, mas uma mulher dirigente! Selina Shirley Hasting, melhor conhecida como a Condessa de Huntington (1707-1791), fez parte da original sociedade de Fetter Lane (1739) e entrou efetivamente no movimento metodista, após a morte do seu marido, em 1746. Foi ela que primeiro reconheceu os dons de Tomás Maxfield, com vimos há pouco. Como nobre, Selina tinha o direito de ajustar um capelão ou, como realmente aconteceu, capelães, particulares. Ela usou este privilégio com muita liberdade. Já em 1748, ela ajustou Jorge Whitefield como seu capelão, e ela convidava a alta sociedade para ouvir as pregações desse exímio evangelista. Para ouvi-lo, na residência da Condessa, afluíam até políticos do porte de Chesterfield, Walpole, e Bolingbroke. Selina gas-

[Edição original página 53/54]

tou sua considerável fortuna na construção de capelas (anglicanas) às quais ela própria superintendia. Quando, em 1779, as autoridades queriam proibir que seus capelães pregassem no Panteão, em Londres. Selina se valeu da Lei da Tole-

rância; ganhou a causa, mas o preço de ser doravante dissidente. Quando da sua morte em 1791, a Condessa possuía 64 capelas e um colégio (seminário) em Trevecca, no sul de Gales (este adaptado de uma velha mansão que lhe pertencia). Selina, não uma pregadora, construiu e superintendeu dezenas de capelas, chegando a criar uma pequena denominação metodista, de orientação teológica calvinista, o que constitui, sem dúvida, um ministério feminino *sui generis*.

Não é nossa intenção de continuar esta narrativa até aos nossos dias, a não ser por breve referência e aplicação. Esperamos que se tem tornado claro que, ao nosso ver, uma adequada compreensão e aplicação de teologia da reforma – especialmente de *sola scriptura* e corolário do princípio da evangelicidade e ainda o *sacerdócio das crentes* – escancariam as portas para a plenitude dos ministérios femininos. O fato que o Metodismo Wesleyano, na Inglaterra e sua filha, a Igreja Metodista Episcopal (atual Igreja Metodista Unida), nos Estados Unidos, relutaram em aceitar essa plenitude é evidência da sua timidez em aceitar as conseqüências da sua própria herança teológica. A concessão de plenos direitos clericais à mulher metodista nos Estados Unidos em 1956 e a eleição da sua primeira episcopisa em 1980 são conseqüências naturais da sua assunção, embora tardia, dessa herança gloriosa. Quanto maior nossa lealdade à nossa herança bíblica, protestante e metodista, tanto maior será a abertura para os variados ministérios da mulher no metodismo brasileiro e, Deus queira, da Igreja Metodista em geral.

[Edição original página 54/55]